

Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

Um médico judeu bragançano que se notabilizou em Londres

Jacob de Castro Sarmento

Nasceu em Bragança em 1691, filho de Francisco de Castro Almeida, cristão novo, e de Violante Mesquita, sua espôsa. Com a idade de dezassete anos estudou filosofia em Évora e após três anos a medicina em Coimbra.

O mêdo da Inquisição fê-lo sair do seu país natal; refugiou-se em casa de seus parentes em Hamburgo. Em 1720 partiu para Londres; onde retomou os seus estudos e em 1725 foi nomeado "Sócio da Sociedade Real".

Com muitos sábios, como Mendes Sachetta Barbosa e João Chevallier, em Lisboa; com B. Soares, no Brasil; o Dr. Himsel, em Riga e com outros se correspondia.

Morreu em Londres em 1761 ou 1762.
O seu retrato *Sinepinx Honstonfecit.*

Escreveu as seguintes obras:

Exemplar de penitência, dividido em três Discursos para o Dia Santo de Kipur. Dedicado ao grande e omnipotente Deus de Israel. London, 5484 (1724).

Extraordinária providência, que el gran Dios de Ysrael uso con su escogido publico en tiempo de su mayor aflicion por medio de Mordehay y Ester contra los protervos intentos del tyrano Aman. Compendiosa-

mente deduxida de la sagrada Escritura en el seguinte Romance. London, 5484 (1724).

Sermão Fúnebre, as deploráveis memórias do meu reverendo e doutlssimo Haham Morenu a R. e Dr. David Neto insigne Teólogo, eminente prègador e cabeça da congrega de Sahar Hassamaym.

Tratado da verdadeira teoria dos mares. Londres, 1737, 8.

Tratado das operações da cirurgia, com as figuras e descrição dos instrumentos de que nelas se faz uso, e uma introdução sôbre a natureza e método de tratar as feridas, abcessos e chagas. Traduzido de inglês de M. Samuel Skarp, a Cirurgião do Hospital de Guy em Londres e acrescentado pelo tradutor com uma matéria cirúrgica com tôdas as composições e remédios da presente prática de cirurgiões da Inglaterra.

Apêndice ao que se acha escrito na matéria médica sôbre a natureza, e feitos e uso prático em forma de bebida e banhos das águas das Caldas-da-Rainha, participada ao público em uma carta, escrita do Dr. João Mendes Saquez Barbosa, Sócio da Sociedade Real de Londres, a que junta o novo método de fazer uso da água do mar na cura de muitas enfermidades crónicas em especial nos achaques das glândulas. London, 1753.

Do uso e abuso das minhas águas da Inglaterra. Londres, 1756, 8.

HISTÓRIA DE ESTER

1—A rainha da Pérsia Vasthi é repudiada e Ester é proclamada rainha.— No tempo de Assuero, rei da Pérsia, que reinava sobre 127 províncias, havia em Susan, sua capital, um judeu, Mardoqueu, que tinha sido levado de Jerusalém, com os cativos deportados para a Caldeia por Nabucudenezor, rei de Babilónia. Este Mardoqueu tinha adoptado como filha sua prima Ester (Hadassah) (Ester palavra persa significa estrêla, Hadassah palavra hebraica que significa Murta), que já não tinha pai, nem mãe.

Um dia Assuero deu um esplêndido festim aos grandes do seu reino, assim como à população de Susan.

Mesas sumptuosas foram preparadas nos seus aposentos e também nos da rainha, que recebia as damas da côrte. Nesta ocasião o rei exhibia as suas imensas riquezas. Por tôda a parte só se viam pinturas preciosas, tapetes magníficos, sofás de ouro e prata; e as bebidas eram oferecidas só em vasos de ouro.

Este festim prolongou-se durante 180 dias. No último dia Assuero, cujo coração estava excitado pelo vinho, pediu que a rainha Vasthi viesse, revestida da coroa real, apresentar-se perante os grandes do reino, com o fim de fazer admirar a sua beleza. Mas a rainha recusou apresentar-se, e o rei ficou tão irritado com esta recusa, que a repudiou.

Algum tempo depois Assuero fêz reünir no seu palácio as raparigas mais belas e distintas do seu reino, afim de escolher a que devia substituir Vasthi. Entre essas meninas encontrava-se Ester. Apresentada ao rei Assuero, ela lhe agradou pela sua simplicidade e pela sua graça, de tal modo que êle a escolheu para ser rainha e colocou a coroa sobre a sua cabeça. Contudo, Ester não lhe revelou nem o seu povo, nem a sua origem, como lhe tinha recomendado Mardoqueu.

2—Mardoqueu denuncia uma conspiração contra o rei.— Todos os dias, Mardoqueu vinha à porta do palácio para saber notícias de Ester. Tendo ouvido dois officiais da côrte que conspiravam contra a

vida do rei. Êle deu conhecimento immediato disto à Ester, e esta informou o rei em nome de Mardoqueu. Uma investigação foi começada, a qual confirmou o facto; os dois culpados foram enforcados; e o acontecimento foi escrito nas crónicas do reino.

3—Aman quer mandar massacrar todos os judeus do Império.— Nessa época, Assuero elevou Aman à mais alta dignidade do Império. Aman era um homem arrogante e cruel. Todos os servidores do rei se prostavam perante êle, segundo ordem do rei. Só Mardoqueu recusava fazê-lo; êle não queria prestar a um homem a honra que deve ser reservada só a Deus. O orgulho de Aman foi muito ferido por isso, e resolveu vingar-se; mas, não querendo atingir só Mardoqueu, êle resolveu exterminar com êle tôda a nação judaica.

Tirou à sorte o dia e o mês mais favoráveis ao seu designio; a sorte indicou 13 do mês de Adar. Então Aman dirigiu-se ao rei e disse-lhe: — Existe uma nação disseminada por tôdas as províncias do teu reino; esta gente tem leis que diferem de tôdas as outras nações; quanto às leis do rei, êles não as observam; não é pois interêsse do rei conservá-los. Se pois o rei consente nisso, que um édito seja publicado para os fazer morrer, e eu, entregarei 10.000 kikkars de prata no Tesouro real." O rei tirou immediatamente o seu anel do dedo, entregou-o a Aman e disse-lhe:

— "Fica com o dinheiro e quanto a êsse povo, trata-o como te aprouver!"

Imediatamente Aman fêz expedir para tôdas as partes do Império cartas contendo a ordem de exterminar no mesmo dia, 13 do mês de Adar, todos os judeus, homens, mulheres e crianças.

4—Ester decide-se a ir ter com o rei arriscando a sua vida.— O édito de Aman, que foi igualmente publicado em Susan, a capital do reino, lançou todos os judeus numa profunda consternação. Mardoqueu rasgou os seus vestidos, cobriu-se de cilícios, e percorreu a cidade chorando

amargamente. Êle mandou imediatamente dizer a Ester para que se apresentasse perante o rei e interceder pela sua nação. Mas a rainha respondeu-lhe: «Tôda a pessoa que aparece perante o rei, sem ter sido chamada, incorre na pena de morte, a menos que o rei não lhe estenda o seu ceptro para lhe perdoar. Ora como serei eu acolhida pelo rei? Há trinta dias que não fui chamada à sua presença.» Mardoqueu mandou-lhe então esta resposta enérgica: — «Não tenhas a ilusão que, dentre os judeus, só tu poderás escapar ao perigo, protegida no palácio do rei; porque se tu te calas na hora em que estamos, a libertação e a salvação surgirão para nós doutra parte, enquanto que tu e a tua serão destruídas. E quem sabe se foi para uma tal conjectura que tu chegaste a rainha?»

Ester mandou dizer a Mardoqueu: — «Vai, reúne todos os judeus de Susan; não comeis nem bebeis, durante três dias e três noites; as minhas serventes e eu faremos o mesmo. Em seguida me apresentarei ao rei, e se devo morrer, morrerei!»

Mardoqueu fêz o que Ester tinha ordenado.

5 — Ester é bem acolhida pelo rei. — No terceiro dia Ester vestiu os trajes reais e apresentou-se no limiar do aposento real. Assuero estava assentado no seu trono. Logo que êle viu Ester, ela encontrou graça a seus olhos, e êle lhe estendeu o ceptro de-ouro, do qual ela tocou na extremidade.

— «Que tens tu, rainha Ester, lhe diz êle, e que pedes tu? Ainda que seja a metade do meu reino, ela te será concedida.»

Ester respondeu:

— «Se agrada ao rei, que venha êle e Aman jantar comigo.»

O rei aceitou; e mandou imediatamente a Aman dizer, que fôsse com êle, a um festim preparado por Ester.

Durante a refeição o rei repetiu a Ester: — «Diz o que desejas; ainda que seja a metade do meu reino eu to concederei!»

— «Se eu encontrêi graça aos teus olhos, queiras voltar amanhã com Aman ao festim que vou preparar-vos, e então te direi o que desejo.»

Aman retirou-se muito alegre, cheio de orgulho de ter sido o único que a rainha

convidou com o rei. Mas ao sair do palácio e viu à porta Mardoqueu, que recusava sempre de dobrar o joelho perante êle, o seu furor despertou. Ao entrar em casa, diz a sua mulher: — «Para que me servem as honras que me concedem o rei e a rainha, enquanto que êsse judeu Mardoqueu está assentado à porta do rei.»

Então Zerek, sua mulher, lhe diz: — «Que se levante uma fôrca, com a altura de cinqüenta covados; e amanhã pela manhã pede ao rei para ali pendurarem Mardoqueu.» O conselho agradou a Aman e fêz levantar a fôrca.

6 — Honras concedidas a Mardoqueu. — Aconteceu que naquela noite o rei não pôde dormir. Para se distrair, mandou que lhe lessem as crônicas do reino, e o leitor acertou com a passagem onde se achava referido que Mardoqueu tinha outrora salvo a vida ao rei.

— «Qual foi a recompensa, perguntou o rei, que foi concedida a Mardoqueu como prêmio da sua fidelidade?»

— Nenhuma, responderam os seus oficiais.

Nesse mesmo momento anunciaram que Aman estava no átrio do aposento real. Êle vinha para apresentar ao rei o seu pedido para enforcar Mardoqueu. O rei tendo ordenado que o mandassem entrar, lhe disse:

— Que convém fazer a um homem que o rei deseja dignificar?

Aman, supondo que não se podia tratar doutro senão dêle, respondeu:

— Que o rei mande vestir êste com vestes reais, que o faça montar sôbre um dos cavalos que o rei costuma montar, e sôbre a cabeça dêle seja posta a coroa real, que o rei mande levar êste homem a casa dum dos grandes do reino, e que êsse senhor o conduza, segurando pelas rédeas, pelas ruas principais da cidade, proclamando: — «É assim que o rei trata quem quer dignificar!»

— Vai depressa, diz o rei a Aman, e, tudo o que acabas de dizer fá-lo ao judeu Mardoqueu sem nada tirar!

Aman estupefacto, não pôde recusar a cumprir as ordens do rei. Êle prestou as honras a êste Mardoqueu, que êle julgava, ainda nesse momento, poder enviá-lo à fôrca. Depois voltou precipitadamente para

sua casa, acobardado pela tristeza e pela vergonha.

7 — Queda de Aman. — Amã entretinha-se ainda com sua mulher e seus amigos da sua triste desventura, quando os mensageiros do rei vieram buscá-lo para o conduzirem ao festim da rainha. À mesa, o rei renovou a sua pergunta:

— Diz o que desejas, Ester: ainda, que seja a metade do meu reino, eu te concederei!

Ester respondeu:

— Se eu encontrei graça perante ti, ó Rei, concede-nos a vida a mim e ao meu povo. Porque nós fomos votados ao massacre e à ruína. Se tivéssemos sido vendidos como escravos, eu ter-me-ia calado; mas o nosso inimigo não teve mesmo sequer dúvidas sobre o prejuízo causado ao rei!

— Quem pois teve a audácia de agir dessa maneira? Diz o rei.

— Foi este homem, respondeu Ester, este homem cruel e encarniado, este malvado Aman que aqui está!

Aman ficou aterrado. O Rei, na sua ira, levantou-se do festim para se dirigir para o parque do palácio, enquanto Aman se levantou para pedir a graça da vida à rainha Ester, porque elle viu que a sua perda estava resolvida pelo rei. Como o rei voltava do parque para a sala do festim, Harbone, um dos seus servidores, lhe disse:

— Muito perto da casa de Aman se ergue uma fôrca da altura de cinqüenta covados que elle mandou levantar para ali enforcar Mardoqueu.

— Que lá o enforcem! gritou o rei.

Enforcaram Aman na fôrca que elle tinha preparado para Mardoqueu, e a ira do rei se acalmou.

8 — Elevação de Mardoqueu; festa de Purim. — Ester, tendo revelado em seguida o seu parentesco com Mardoqueu, o rei nomeou este seu primeiro ministro em lugar de Aman. Mardoqueu expediu para tôdas as províncias novos éditos, marcados com o sêlo real, para anular o feito por Aman. Assim o 13 de Adar, destinado por Aman a ser dia da exterminação dos judeus tornou-se para estes um dia de satisfação e alegria. Em Susan, assim como em tôdas as cidades e aldeias do reino os judeus

VIDA COMUNAL

PÔRTO

Festa de Hanukah — Celebrou-se esta festividade em honra da gloriosa acção dos Macabeus. Tomaram parte nos officios os Srs. Barros Basto, Menasseh Bendob e Samuel Rodrigues.

Ano Novo das Árvores — Também foi solenemente comemorada esta data e quinto aniversário da Dedicção da Sinagoga Kadorie Mekor Haïm.

Festa de Purim — Conforme a tradição a festa de Purim ou a rainha Esther foi celebrada na nossa sinagoga, cathedral judaica do Norte de Portugal. Nos officios tomaram parte activa os Srs. S. Finkelstein, Samuel Rodrigues e S. Wormser, sendo este último que fêz a leitura solene da Meguilah.

fizeram festins, enviaram mutuamente presentes e espalharam esmolas pelos pobres.

Mardoqueu registou todos estes acontecimentos num livro e enviou cópias aos judeus até às províncias mais longínquas.

Elle determinou que os judeus celebrariam para sempre a recordação deste livramento miraculoso e em sinal de reconhecimento o 14 deste mês como festa chamada Purim, por causa do sorteio Pur (palavra persa designando uma espécie de dados que lançavam para interrogar a sorte) que Aman tinha consultado.

Os judeus aceitaram, por elles e por seus descendentes, comemorar anualmente este dia; assim a recordação não se apagará nunca do meio dos judeus.

Quanto a Mardoqueu, foi muito considerado na sua alta dignidade. Elle caminhava no segundo lugar, depois do rei. Elle era também muito amado por todos os judeus, seus irmãos, dos quais elle queria sinceramente a felicidade.

A oitava secção do inferno

CONTO JUDAICO

POR I. L. PERETZ

Fatigado, quebrado, estendi-me sôbre o meu divã; procuro lembrar-me do que se passou... Assisti a uma reunião... Falei ali. As minhas palavras eram fogo e chamas... Rápidas, as flechas voavam da minha bôca e, com uma espada nua e afiada, eu parecia ameaçar a multidão.

Eu falo e escuto o que digo; escuto e estou encantado.

Pois não sou eu um herói? Não sou eu que parto para a guerra por tudo o que é belo e bom? Eu só o defensor da liberdade e tôdas as boas, doces e divinas coisas que certamente estão longe de nós ainda, mas das quais nos aproximamos cada vez mais... Arranco a máscara à mentira e prego-a no pelourinho; eu rasgo o belo véu com que ela enfeita e eis-la nua, cheia de chagas e de vergonha...

De repente calo-me. A formidável potência enfraqueceu em mim, o fogo extinguiu-se e a minha língua tornou-se como de chumbo.

Que tenho eu? Falando eu, levantei os olhos e vi-me num espelho. Os meus olhos tinham um mau clarão; um fogo brilhava debaixo das minhas pestanas, um fogo impuro. Não eram já os meus olhos!

Uma vez eu vi uns semelhantes... Mas onde?...

Ah! Sim, recordo-me... Era no quartel: chibatavam um soldado. Os seus camaradas, que o castigavam, tinham olhos assim. E êstes pareciam dizer: — «hoje somos nós que te chibatamos, amanhã serás tu que terás a chibata. Pois bem, apanha uma para amanhã!

Sim, eu o vi bem no espelho, eu não me assemelharei a um herói do futuro, mas antes a um simples criminoso que se encarna sôbre a sua vítima.

Então eu calo-me.— E os meus auditores?

Êles respiram livremente. Era como se uma pesada pedra acabasse de cair dos seus

peitos oprimidos! Êles sentiram-se satisfeitos, como os animais nos campos depois da tempestade; como também as crianças na obscuridade, quando lhes trazem luz; como o coxo encostado a um muro sem poder mexer-se, ao qual de repente lhe dão um bengala e uma muleta!

Pois, são os mal estares sentimentais e os olhares ternos que recomeçam. Um rapaz aproxima-se galantemente duma rapariga, e tomando-lhe o braço: — «Você dá licença agora?» diz êle.

Êle faz um sinal com a linda cabeça e com um doce sorriso, ela diz: — «Sim, agora...»

Eu fugi da sala!

Fatigado, quebrado, estendi-me sôbre o divã. A lua corre no céu; de tempos a tempos ela olha para mim furtivamente através da janela.

Alguns dizem que o luar é um remédio contra os pensamentos que nos roem o espírito, contra as angústias que nos quebrantam o coração.

Mas eu, ri-me dela, da sua clareza, de tôdas as angústias do coração, e até de tôdas as reuniões do mundo inteiro.

Mas como eu não estava agora numa reunião e que eu não podia esconder à face da lua, eu tomei o partido de olhos para o teto. Mas, que é isto? Dois olhos saiem da parede e olham-me fixamente.

A lua feiticeira! É êle que graceja assim comigo.

Contudo a quem pertencem êstes olhos? São os olhos dos soldados que chibatavam os seus camaradas e os dessas raparigas, que, quando eu passava na sala se juntavam à minha volta.

— «Repousa tu um pouco, tu o herói! não queres tu uma gota de mel, algum doce? Vem, repousa um momento!»

Os seus olhos não me olham com ira. Contudo êles nada têm de benevolentes, nada. Êles estão enquadrados num rosto

muito pálido. Eis a barba e os cabelos, brancos como a neve, um barrête judaico do século passado, enfim eis uma cabeça de homem completa, a cabeça dum judeu, dum verdadeiro, dum venerável judeu.

— Quem sois vós, Senhor Judeu? Mas êle não ouve.

— Quem sois vós, venerável velho?

A sombra anima-se e responde:

— Eu sou Shebet Mussar!

Esta palavra me agrada muito. Eu sei muito bem que é a lua que brinca, mas eu finjo acreditar nela e cumprimento:

— Shalom Alekhem (A Paz seja convosco), Shebet Mussar!

— Alekhem Shalom (convosco seja a Paz), me responde, segundo o uso, o velho; e êle aproxima-se de mim...

Shebet Mussar é baixinho, mas nada corcunda. O seu aspecto, as suas maneiras são das mais simples; os seus olhos não brilham, contudo êle olha direito e firme como se êle não tivesse dúvidas sobre a realidade daquilo que vê. A sua voz é também apagada e sem o menor tremor. Lentamente as palavras saíndo da sua bôca, mas com tal segurança, uma tão precisão!

Eu sei bem que Shebet Mussar deixou êste mundo há muito tempo. Contudo podia supor-se que o falecido Shebet Mussar voltou para se revelar a mim; e um arrepio percorre todo o meu corpo. Mas tomo coragem e pergunto:

— Sois vós que tendes descrito o inferno?

— Sim, respondeu êle com simplicidade, como se êle dissesse: eu comi ou eu dormi.

— E vós descreveste-o bem? Vós nada acrescentastes, nada tirastes? Agora que tendes visto o inferno com os vossos próprios olhos, vós deveis sabê-lo.

— Eu vi-o também todo quando vivia.

— Enquanto vivia?

— Sim, eu vi-o várias vezes em sonho...

— E o inferno? E é êle bem como o tendes descrito, ponto por ponto?

— Não, amigo, diz êle com um sorriso; êle é agora aumentado duma oitava secção!

— Porquê? Por quem?

— É o que te vou dizer.

A oitava secção, diz Shebet Mussar, é feita para ti e para os teus semelhantes; para todos os *novos*, para todos os pecadores modernos.

— Em que somos assim novos?

— Escuta: Outrora havia uma guerra incessante entre a alma e o corpo. A alma, parcela vinda das alturas celestes, partícula da própria divindade, puxava sempre para o alto e mais alto, — para o céu, enquanto o corpo, êste corpo manchado, esta poeira mal cheirosa, puxava sempre para baixo, queria sempre enterrar-se mais baixo na imundície e lama... Acontecia que a alma era vitoriosa, era tanto melhor: se era ao contrário, o corpo que triunfava? Castigavam-no, porque êle tinha pecado!

E que castigo infligiam ao corpo? O pês fervente, ardente, o fogo, a água, as serpentes, as hidras e tôda a espécie de trabalhos forçados no deserto, na floresta, nas ruínas, nas cavernas e outros lugares semelhantes... foi por isto que foram criadas as sete secções do inferno; e cada peccador era lançado na secção que lhe era destinada.

Hoje os tempos mudaram. As almas fomentam uma insurreição... as almas revoltam-se! Elas declaram guerra aos anjos do céu, às virtudes salutares, a tudo o que foi estabelecido; elas querem tudo mudar, tudo virado de cabeça para baixo!

Já não são os corpos que transgridem a lei de Deus, mas as almas! É o fim que vós quereis trazer, vós quereis ver o momento supremo. — Vós não quereis esperar; os olhos vos saltam das órbitas, tão grande é a vossa impaciência, como se o mundo inteiro fôsse vosso; como se todos os homens fôsem vossos escravos, forçados a vos obedecer.

Para almas assim criminosas, as sete secções do inferno não têm aplicação!

— Então, nenhum pês fervente na oitava secção?

— Não.

— Nem fogo, nem água?

— Talvez não açoitem também?

— Nenhum vestígio de chicote.

— E podem ali comer, beber e dormir?

— Até ler e escrever livros.

— Como se punem então?

— Paciência, tu vais compreender. Vês tu lá baixo, no Ocidente aparecer uma nuvem espessa? Ela avança para a lua, e quando a tiver velado, eu devo voltar para a minha morada... Mas esta nuvem desliza muito lentamente, e não perdendo tempo, eu chegarei talvez a te ensinar uma ínfima parte do que sei.

Escuta-me pois:

Pega-se num homem apressado, por exemplo, como tu e põem-no completamente nu junto duma montanha de neve. Êle fica assim um momento, mas daí a pouco um pensamento lhe surge:— Se eu fizesse derreter a neve, para fazer água? E uma vez que êle tem esta idéia na cabeça, ela se torna imediatamente desejo, paixão. O homem quer já transformar a neve em água, e quando êle o quer, não há regras que o impeçam? E se êle o deve fazer, o fará. Vá, não é êle um herói glorioso?

Então êle põe-se a aquecer a neve com o seu corpo. Êle abraça-a, êle se encosta a ela e dá-lhe tôda a sua respiração; êle mergulha nela corpo e alma dizendo consigo:— Talvez eu a farei derreter apesar de tudo, talvez mesmo uma centena de anos... Todo o calor do seu corpo, tôda a sua alma, tôda a sua vida êle a dá à neve, à montanha de neve.

— Há, sem dúvida, diabos e diabas que de varas na mão, o forçam a fazer isso?

— De modo nenhum! Eu te disse já: nada de chibatadas na oitava secção! A vontade do homem, o seu instinto, eis o melhor chicote!

E ei-lo que se põe a amar a neve como a sua própria vida... A neve é a sua alegria, é todo o fim, a sua esperança. Êle bem sabe que a neve, tal como é, é desgraçada, como ela seria feliz no dia em que fôsse derretida, que ela se tornasse água... porque a água é a felicidade, a água é a alegria; tudo o que corre, o que funde... Sim, sim!

— E depois?

— Tu vais ver.

— Pegam noutro homem e põem-no num campo barrento e lamacento. Lá em cima e sôbre a sua cabeça está um céu maravilhoso. A vista não enxerga a menor nuvem. Também é êle muito unido, vazio. Nada de sol, nada de lua, nem uma estrêla, nem a via láctea sequer. Mas, para dizer a verdade, não é um céu, isto é uma espécie de pano estendido através o céu.

Os seus pés enterraram-se no barro e na lama. E neste sinistro deserto êle é o único homem, o único ser vivo, o único que sente, reflete e pensa!

De repente a solidão começa a pesar-lhe; êle aflige-se de estar só, e vem-lhe o desejo

de criar vida, de dar um sopro, uma alma ao que se encontra à sua volta.

Lá em baixo, enquanto vivia, êle sofria por milhares de homens, sua acção gigante abraçava multidões, a sua alma era alma de milhões! Êle sente, como o Senhor, êle quer conduzir para o bem a Criação. E o que o Criador fêz, êle o faz também.

Êle apanha pó, do barro e da lama, êle as amassa por minuto tempo e faz dêles... o que quer êle fazer? São aves que êle forma, aves com asas! O homem sem asas é, a seus olhos, nulo... Pois êle faz uma águia! É assim que êle criava aves, primeiro pequenas, mas com asas. Antes de tudo, é o corpo que êle molda, depois êle lhes insufla a sua própria alma. E êle se anima, as aves! Cheio de alegria, êle lhes grita: "voai, voai, minhas aves, voai no espaço!"

Ai! as aves não voam. Elas rastejam na terra, na lama, buscando vermes para se alimentarem... Mas êles não encontram e morrem de fome.

E se encontram algumas aves que se elevam nos ares, e voam um pouco são um macho e uma fêmea; êles brincam, e riem... Êle, lhes grita: "Para o céu! Para o céu!"

Êles continuam a rir...

Raivando de cólera, êle apanha barro que lhe atira e os abate; depois faz outras aves.

O campo cobre-se de cadáveres. As aves mortas amontoam-se... A' volta dêle e a perder de vista cadáveres, nada mais que cadáveres...

— O desgraçado!

— Prende um homem culpado de peccados e lançam-no numa fossa com cães.

— E êles comem-no vivo?

— A Deus não agrada! Êles estão esfomeados, os cães, mas êles não o comem. Então êle pôs-se a falar a êstes animais esfomeados. Porque é um profeta de cães!

Primeiramente êle lhes fala na língua dêles; depois quando êles começam a compreendê-lo, êle então mete no seu discurso algumas palavras humanas.

E êle fica assim horas a prègar-lhes, sem os perder de vista.

A mudança opera-se duma maneira incessante; as espécies se transformam. Eis que de cães êle faz homens! Um dos cães já se ergue sôbre duas patas; dois outros acariciam-se com os peitos. Um outro ladra

ainda, mas nestes batidos ouve-se já certas articulações; articulações bem nítidas!

Êle continua sempre a falar; e as suas palavras, os seus olhos espalham sôbre os cães uma maravilhosa magia... Eis alguns que já se mantêm de pé como homens. Um dêles levanta a pata, dir-se-ia uma mão, e aponta para o céu!

Depois nos olhos dêste cão passa qualquer coisa como um relâmpago, é um esboço de vontade, de consciência. Ainda um momento e a luz surgirá nos olhos de todos os outros cães. Êles terão todos uma vontade! E êles terão esquecido a sua fome, a recordação que êles eram cães esfomeados. Ainda um momento e o pensamento virá despertar-se nêles, o grande, o magnífico pensamento...

— E que acontecerá quando êle tiver despertado?

— Êle nunca despertará! Neste momento preciso surge um anjo infernal que deixa cair um osso no fôssô; os cães tornam-se no que eram: cães famintos...

E quando o osso é completamente roído, o profeta recomeça... E será assim sempre, sempre!

— É horrível!

— Sim, é horrível.

Eu vi ainda um dêstes pecadores, junto duma alta montanha.

No cume brilhava uma luz maravilhosa. O pecador estava em baixo, enquanto que a luz o atraía para cima para êste reino mágico.

Se êle atingisse o cume da montanha êle se banharia num mar luminoso, se acharia entre as estrêlas, tornar-se-ia um filho celeste...

E êle cubiça tão ardentemente a luz, que a sua alma quasi desmaia de lascidão; êle é atraído para o cume, onde se espalham tão numerosos os raios mágicos...

— E êle não pode evidentemente lá subir?

— Uma mulher está acorçada junto dêle.

E cada vez que êle se levanta para pôr o pé sôbre a montanha, a mulher abre os olhos! Nestes olhos também há uma luz encantadora, nestes olhos também há um céu, sóis, estrêlas e diversos raios doces...

Mas quando êle desce, ela fecha de novo os olhos.

— Maravilhoso!

— E êle fica assim perdido, aniquilado entre o céu no alto e o céu debaixo, entre a luz escondida no alto e a luz escondida em baixo...

— Vós gracejais, Shebat Mussar!

Porque não pega êle na mulher e sobe com ela?

— A mulher é muito pesada! E depois, ela não quer...

— E depois as águias dentro de peles de porcos?

— O que é isso?

— Um nada!

Vós vendo, os vossos profetas se transformam em águias, grandes águias de largas asas: mas as suas peles ficam as de porcos.

Êles elevam-se nos ares, êles pairam alto, muito alto. É o céu que êles cubiçam: êles quereriam apoderar-se do trono supremo e ocupar o lugar do Senhor! Mas à medida que êles sobem no espaço as suas peles de porco se põem a rebentar, feridas aparecem numerosas, que os fazem sofrer; então as águias baixam e caem por terra, em águas lamacentas onde banham as peles de porco...

E sempre se elevam e se abaixam...

De repente a lua desapareceu e com ela Shebet Mussar.

E quando eu me levantei para acender uma vela, encontrei sôbre a minha mesa um convite:

— Convidamos V. Ex.^a para a reunião de amanhã...

Eu queimei-o.

Publicações recebidas

Post-War Migrations é o quinto panfleto da série Jews and the Pos-War World editado pelo Research Institute on Peace and Post-War Problems do The American Jewish Committee.

Tomar e a sua judaria, por J. M. Santos Simões.— Edição do Museu Luso-Judaico — Tomar, 1943.

Esta monografia constitui um interessante e consciencioso trabalho do Director Conservador do Museu Luso-Hebraico de Tomar (Museu Abraão Zacuto).